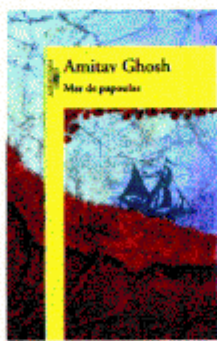


Babel literária à moda indiana

LIVRO | Amitav Ghosh retrata a Índia do ópio em drama de léxico desafiador

POR WILLIAN VIEIRA

FOI NO MÊS de abril que Amitav Ghosh, um dos mais estabelecidos escritores indianos, parou para refletir sobre uma carta com comentários sobre *Mar de Papoulas* (Alfaguara Brasil, 536 págs., R\$ 59,90). Era de um compatriota que, pasmo com a verossimilhança histórica da trama, fazia uma estranha reverência. “Fiquei muito impressionado com seu livro, porque fui gerente na fábrica de ópio de Ghazipur entre 1963 e 1965 e depois assistente do departamento de Narcóticos”, dizia a melancólica missiva. “Sua história sobre a fábrica de ópio é tão realista que me trouxe de volta os dias que passei lá.” É esse mergulho sinestésico o que espera o leitor do mais ambicioso livro de Ghosh.



Odisseia.

O primeiro volume da trilogia de Ghosh passa-se no período das guerras pelo controle da droga

co internacional exercido pela Companhia Britânica das Índias Orientais, no início do século XIX, a Índia era o centro produtor da droga. Mas era para a China que os ingleses a transportavam, de navio, tamanho o sucesso de sua estratégia de implantar o vício entre os chineses. São essas escravidões trazidas pela droga e que levaram às guerras do ópio o pano de fundo da odisseia em que Deeti nos mergulha.

Mas foi Ghosh quem mergulhou, muito antes, na solidão de arquivos e bi-



bliotecas, em um monumental trabalho de pesquisa histórica que levantou documentos e balanços da companhia, dicionários de jargões e outras fontes orais com as quais ele detalha o boom do ópio. E o faz sem economia de datas, referências geográficas e marcos históricos. Dai vem a solidez realista da narrativa. Mas é um realismo que balança entre o excesso descritivo e o imponderável à moda de Salman Rushdie.

Deeti, ao ver a morte próxima – viúva, morreria na pira armada pela família do morto, ritual chamado *sati* –, acaba salva por um intocável de porte sobre-humano, um Romeu gladiador de bom coração com quem viverá um tórrido romance. É o começo da fuga que os levará ao “mar negro”, a água salgada longe do Ganges e logo ao porão do *Ibis*, onde encontrarão uma órfã francesa travestida e seu amigo de infância e amante aventureiro, além de um nobre indiano falido condenado ao degredo, outros *coolies* e todo tipo de

Quando a protagonista Deeti, mulher de baixa casta e lavradora de papoulas na mesma Ghazipur, cruza os portões da fábrica onde o marido trabalha, justamente para resgatá-lo após uma síncope causada pelo vício na droga que ele mesmo produz, sua impressão é a de cruzar os portões de um lugar aterrorizante, porém, mágico. “A extensão do depósito era tal que a porta do extremo oposto parecia um furinho de alfinete iluminado”, descreve Ghosh, adicionando meninos seminus com “pilhas impossivelmente altas de folhas de papoulas”, homens sobre balanças gigantes e ingleses de cartola contando dinheiro. Todos são envoltos numa névoa que arde os olhos e dão vida a um momento histórico antes perdido nos livros de história.

Essa é só a largada da saga que alimentará dois outros livros de Ghosh sobre o *Ibis*, um navio negreiro adaptado para transportar ópio e *coolies*, semiescravos indianos amealhados como mão de obra nas colônias canavieiras. No auge do tráfi-



marinheiro dos quatro cantos do mundo. Tudo se mistura. O balanço do mar é como uma viagem de ópio. A realidade é chacoalhada. E as tintas românticas coloram a vida de desgraças semeadas com as papoulas, o que suscitou críticas.

“Mas quem sabe o que se passa na realidade? Ela é sempre mais estranha do que qualquer coisa que se possa pensar”, diz Ghosh em entrevista a *CartaCapital*, repetindo a máxima do nome absoluto do surrealismo literário, Gabriel Garcia Márquez – e rebatendo a ideia, aventada por críticos, de que o romance adentre o terreno nada indefensável do inverossímil. “Muitas das pessoas que fugiam da Índia por causa de situações difíceis como essas de fato viviam relações extraconjugais e entre castas. Essas histórias são negligenciadas. Mesmo no século XIX, quanto os *satis* eram frequentes, havia histórias de mulheres sendo salvas”, diz. Ghosh é irônico. “Deve haver expectativas para alguns de que o que aconte-

ce na realidade são apenas coisas chatas.”

A realidade, afinal, seria uma história que foi contada. Um livro acadêmico não contaria essa história, porque os personagens nunca acharam espaço em tal narrativa. No caso dos *coolies*, ninguém se preocupou em trazê-los à vida em uma narrativa de fôlego. Pois é como um antropólogo à procura de pegadas de uma cultura particular que Ghosh busca esse universo, ficcionalizando sentimentos e situações perdidas na história. A ficção, diz, preenche bem essa lacuna.

Outra semelhança com Rushdie advém de outro fruto da minuciosa pesquisa. É a linguagem permeada por influências diversas, longe do inglês oxfordiano que tanto agrada a elite indiana, o que há de mais rico, e também de mais criticado, no livro. Lançados ao mar no seio de um mesmo navio, personagens tão díspares, mas irmãos na fuga da vida pregressa e no anseio de um futuro melhor, defrontam-se com um desafio à altura: comunicar-se. Um marinheiro

A realidade “é sempre mais estranha do que qualquer coisa que se possa pensar”, afirma o escritor

que viveu no mar sorvendo o jargão universal do *métier* precisa discutir com um americano que nunca saíra de casa. Uma indiana de baixa casta está no mesmo barco que uma francesa que cresceu falando hindi e um filho de rajá criado no suprassumo intelectual da elite indiana. Por dezenas de páginas o leitor corre o risco de não entender nada. E sofre com os personagens.

“A Índia é de fato uma babel de línguas, então eu queria aproximar do leitor essa experiência de viver com a incompreensão, que é parte fundamental da atmosfera do livro”, afirma Ghosh. Ele conseguiu. Ao ler *Mar de Papoulas*, a sensação é de estar no navio, balançando com as ondas que prenunciam a tragédia, angustiado com a impossibilidade de se comunicar e, às vezes, mesmo de entender. A tradução em português também perde a riqueza do *hinglish*, tão imediata na versão original. Mas a crotomatia, léxico selecionado pelo autor que, diz, funciona como “um mapa astral das palavras”, é mantido. E joga uma luz assombrosa sobre os personagens e suas línguas. Sem ele, o difícil passeio pela narrativa de Ghosh se tornaria impossível.

Indicado ao Booker Prize pelo livro, Ghosh participará da Bienal do Rio em setembro, quando falará sobre o segundo volume da trilogia, *River of Smoke*, ainda no prelo. E ele vem no melhor momento de sua carreira. Em um país onde a taxa de alfabetização ronda os 64% (a do Brasil é 90%) e centenas de línguas disputam com o inglês e o hindi, suas ficções têm encontrado ampla aceitação. “Quando comecei, teria sorte de vender 500 livros. Hoje vendo mais de cem vezes isso”, celebra. Resta saber qual será a recepção, no Brasil, de um livro com arriscadas experimentações de linguagem, sobre um tema tão mais distante do País que o pasticheo edulcorado da novela de Glória Perez. ●